

Entraves ao programa do México para pagar dívida

ERIC BERG

Do New York Times

NOVA YORK — Os efeitos contábeis negativos da proposta mexicana, de trocar parte de sua dívida bancária por bônus garantidos por títulos do Tesouro americano, tendem a limitar a participação dos maiores bancos no plano.

Na comunidade bancária americana, prevalece a noção de que o sucesso do programa será parcial, limitando-se a participação aos bancos pequenos e médios, que são credores de somas relativamente pequenas.

“O sucesso será relativo”, diz um alto funcionário de um importante banco de Nova York. “Os grandes bancos não vão participar, mas eles vão conseguir alguns bilhões.”

O fato é que os grandes bancos não vêem vantagem em trocar créditos com um desconto de 25% a 50%, conforme prevê o plano do México, em primeiro lugar porque os bônus mexicanos também poderão vir a ser vendidos com um novo desconto; em segundo lugar, porque os títulos da dívida mexicana já são negociados com desconto atualmente, e os bancos recebem em dinheiro, imediatamente, e não num prazo de 20 anos.

“Não é o tipo de negócio que gente sensata faria”, diz o Presidente de outro grande banco americano. Mas para os bancos americanos regionais, de pequeno porte, assim como para instituições de outros países, a troca pode ser conveniente. Além de serem credores de uma dívida relativamente pequena, estes bancos montaram reservas consideravelmente maiores, proporcionalmente, e teriam muito menos a perder.

E há um novo obstáculo, agora. Um departamento da SEC — Securities and Exchange Commission (órgão regulador o mercado financeiro) — recomendou ao órgão que o banco que embarcar na proposta mexicana seja obrigado a desvalorizar, na medida do desconto aceito, todos os seus títulos de dívida do México. Ou seja, ainda que a troca de dívida por bônus abranja apenas parte dos empréstimos ao México, os bancos poderão ser forçados a considerar perdida talvez metade da dívida total.